

A IMPORTÂNCIA DA TERAPIA DOS CONTOS INFANTIS ATRAVÉS TURMA DA MÔNICA¹

Luciana Stec², Simoni Antunes Fernandes³.

¹ Projeto do Estágio Básico Supervisionado I

² Aluna do curso de Psicologia da UNIJUI

³ Professora Supervisora do Estágio Básico I do Curso de Psicologia

Introdução

Neste presente artigo vamos mostrar, qual e objetivo da importância da terapia de contos infantis em um grupo de crianças de uma escola municipal, dando ênfase nas histórias da turma da Mônica, e como as crianças através dos contos, podem diminuir seus conflitos e resultar em reflexos positivos, sendo entendido como um mediador entre a criança e seus conflitos.

Metodologia

O projeto da oficina segue a ideia de um grupo terapêutico psicanalítico, viabilizando ao paciente entrar em contato com sentimentos e fantasias, através da projeção e da construção de uma narrativa própria. Foi uma proposta em que, por meio do lúdico, as crianças pudessem entrar em contato e elaborar seus conflitos psíquicos por intermédio dos conteúdos abordados nas histórias, seja através do deslocamento, da sublimação e da construção de uma narrativa pessoal. O conto foi utilizado como um “mediador capaz de permitir à criança elaborar seus conflitos psíquicos, estimulando-a a enfrentar seus afetos mais assustadores e, ao mesmo tempo, ajudando-a a manter uma distância desses afetos”. O conto desempenhou um papel “empírico” de instrumento terapêutico que, com a psicanálise, começou a ser estudado de maneira mais científica. Os contos de origem desconhecida, de tradição oral, concebidos por adultos para adultos, desempenharam o papel “empírico” de instrumento terapêutico capaz de incrementar a resiliência, ajudaram a encontrar contenção da loucura e suas pulsões, no sentido de Freud, transmitidos de geração a geração.

A utilização dos contos na psicoterapia infantil abre um espaço acolhedor para a criança, possibilitando uma via de acesso à manifestação de sofrimentos, angústias, ódios e dores, sentimentos que possivelmente não apareceriam em suas casas com seus cuidadores ou em qualquer outro espaço de forma explícita. O terapeuta necessariamente precisa estar com a escuta atenta aos conteúdos trazidos pela criança no grupo. Diversas publicações (FREUD, 2006/1913; GUTFREIND, 2003) da área da Psicanálise apontam para a importância da escuta, que deve ser singular, mesmo quando se trabalha com um grupo, dando-se ênfase à subjetividade. Desta forma, pode-se pensar em uma escuta psicanalítica, seja por elementos como a comunicação – palavra, ou

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVI Jornada de Extensão

por meio de dramatizações ou desenhos trazidos pelas crianças. A comunicação com a criança acontece pela via do simbólico, os desenhos são meios que têm grande valor, pois o fato de a criança falar sobre o desenho e se escutar torna este processo terapêutico.

O livro *O Terapeuta e o Lobo*, de Celso Gutfreind, mostra que, por meio da contação de histórias no tratamento psicológico com a criança, tem-se a possibilidade de elaborar conflitos psicológicos que não ficaram resolvidos, como lutos, sofrimentos e abandonos. Além disso, os contos estimulam a criatividade, o lúdico, a expressividade e a autonomia.

Podemos crer que os contos tiveram, desde o princípio, uma função terapêutica, o que já explicaria a sua permanência e transmissão de geração para geração.

Bettelheim reside a afirmação de que os contos oferecem um sentido a situações que as crianças têm ou tiveram ocasião de viver, o que já contém por si um aspecto terapêutico. Os contos tradicionais ajudam na medida em que trazem fatos que a própria criança vive em seu inconsciente e com os quais pode se identificar, como com as personagens, tendendo amadurecimento. Seu valor viria também de que auxiliam a transformar fantasias representáveis o conteúdo do inconsciente, abrindo dimensões imaginárias. Esses benefícios estimulam as representações conscientes, diminuindo a nocividade das pulsões e do conteúdo inconsciente.

Resultados e Discussão

Neste trabalho resolvemos usar os clássicos quadrinhos da turma da Mônica, porque podemos notar algumas semelhanças entre as crianças que estão sendo trabalhadas, com os personagens da história, principalmente pela agitação, e agressividade, outro fator que nos chamou a atenção, é o fato de um aluno também ter dificuldade na fala, como o cebolinha.

Sendo a raiva a emoção mais fácil de sentir, muitas crianças acabam por usar o comportamento agressivo ou desafiador para mascarar outros sentimentos, como a tristeza profunda. A oficina possibilita um espaço de escuta para elaboração de conflitos pelos contos.

A agressividade é um instinto natural de todas as espécies, como por exemplo nos animais que atacam, quando se sentem ameaçados, nos Seres Humanos, não é diferente, e essa agressividade pode ser encarada de uma forma positiva no seu desenvolvimento dando impulso a realização dos seus desejos, mas também poder deixar traços negativos na sua personalidade, podendo levar a atos de violência, nesta parte que entra a inserção das histórias em quadrinhos da turma da Mônica, aonde eles podem expressar toda essa agressividade, assim não a internalizando-a para si.

A turma da Mônica trata-se de um quadrinho brasileiro, bem popular entre as crianças, passa de geração em geração e se torna muito popular também, entre os adultos, aonde contam historinhas divertidas e que apresentam situações do nosso dia a dia, muitas vezes mais fantasiadas, mas que representa o desejo de cada personagem, e como lidam com essas situações.

A temática gira em torno da intransigência infantil, da passagem da família para o grupo (latência) e dos revezes e conseqüências do crescimento, sendo eles quatro principais personagens, a Mônica encarnaria o adulto e seus poderes, visto pela ótica infantil, que com sua agressividade impõe as vontades a todos que estão em volta. Já no personagem Cascão, podemos ver em ação a estrutura da fobia: o medo, entendido como uma angústia difusa que remete ao representante paterno, e a organização do objeto fóbico (no caso, água) mostram a importância do delineamento

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVI Jornada de Extensão

dessa angústia. Magali representaria uma oralidade sem regras, desejo sem conseqüências, sonho acalentado dentro de um universo regido pelo princípio do prazer. E o cebolinha mostra uma dificuldade em sua linguagem, trocando os erres pelo “L”, e sofre para vencer a força física da Mônica a partir dos seus planos intelectuais (invariavelmente fracassados). Ele nunca se cansa de tentar e, talvez essa seja a garantia de sua firmação como menino.

A guerra entre os dois, segundo os autores, ainda pode ser entendida como representante da que as crianças, em geral, travam contra sua mãe. Afinal, elas não se entregam de tão bom grado à supremacia de poder da mãe, submissão que, para os meninos, é ainda mais constrangedora Mônica, como uma mãe, manda e pronto. Não se questiona nem sente um glamour especial pelo seu pretense reinado, apenas administra os humores dos que estão sob sua jurisdição e ainda os protege de perigos maiores.

Não podemos esquecer do famoso coelho da Monica o Sansão, que traz como uma forma de representação de objeto que ela se apega, aonde confere ai todas suas angustias e sofrimentos, ou como uma forma de segurança, pode haver ai uma representação da mãe, Winnicott o chama de objeto transferencial.

As crianças conseguiram se identificar muito com a Turma da Mônica, e uma das primeiras comparações deles com a história, foi o fato de a Mônica brigar muito com o cebolinha, e essa “guerra” que á entre os meninos e as meninas nos clássicos quadrinhos, e as cenas mais comentadas e desenhadas sempre eram as das brigas, podendo representar o conflito que há internalizado neles.

Os contos podem ser utilizados por cada criança e por cada um de nós, de acordo com as necessidades psíquica de um determinado momento. E a partir daí, relança-las e relançar-nos em uma atividade secundária, em que pensamento e sentimento se aproximem, desfazendo inibições e trazendo interesse pela própria vida psíquica e, portanto, pela vida em geral, fazendo com que se possa contar e contar a si próprio sempre e mais uma vez, como fazem os contos.

Na psique infantil o imaginário e a fantasia podem ser liberados pelo contato literário(escrita,audição ou leitura), pois são constitutivos da atividade criadora da criança sobre a realidade. Existe, portanto, um caminho para chegar ao prazer estético, que na criança passa pela influência do literário, da brincadeira, dos jogos em seu imaginário, em sua fantasia, mas que se manifesta como atuação no mundo, como linguagem.

Assim, admite –se a possibilidade de, pelas vias do literário suscitar não apenas o prazer estético, a atividade constitutiva da arte, mas também atribuir uma função terapêutica à leitura e narração de histórias infantis.

Conclusão

A prática da oficina de contos infantis revelou-se um dispositivo clínico potente no atendimento das crianças, na conjugação da contação de histórias com as atividades de criação, proposta como segundo momento da oficina. Os contos de fadas tem grande importância na vida de uma criança, pois como instrumento terapêutico, se faz uma ligação do consciente para o inconsciente, e sendo assim uma historia que a criança e capaz de identificar-se, o resultado pode ser muito mais significativo.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVI Jornada de Extensão

Não se trata apenas de contos que são oferecidos as crianças, mas de todo um conjunto de relações e interações que se instauram nessa atividade.

Palavras chave: Mediador; Terapêutico; Agressividade

Referências Bibliográficas

Corso, D. L. & Corso, M. (2006). Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed.

Gutfreind, Celso, 1963. O terapeuta e o Lobo: A utilização do conto na psicanálise da criança/ Celso Gutfreind- Rio de Janeiro: Artes e Ofícios, 2010

KLEIN, Melanie. A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 149-168. (Obras Completas de Melanie Klein, v. 3)

WINNICOTT, Donald. Privação e delinquência. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999